

Jornalismo esportivo: o que é

Carlos Augusto Tavares Junior¹

Resumo

Este trabalho tem a finalidade de discutir o conceito de jornalismo esportivo no Brasil. Desse modo, foi produzido um levantamento com as referências bibliográficas sobre o tema, bem como foram realizadas entrevistas com pesquisadores e professores de Jornalismo. A pergunta central foi "O que é jornalismo esportivo?". As entrevistas foram realizadas durante os preparativos para a realização dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Buscou-se uma interlocução entre os especialistas, com o objetivo de elucidar as interfaces do jornalismo esportivo na contemporaneidade.

Palavras-chave: Jornalismo Especializado. Jornalismo Esportivo. Olimpíadas Rio de Janeiro 2016.

38

Abstract

This essay purposes to deal with the concept of Sports Newsmaking on Brazil. To do this approach, a bibliographic reviewing of main references of journalism and and interviewing with the Journalism teachers that researches communications and sports. Thus, the semi-structured interview tackled the main question: "What is the Sports Newsmaking"? Those interviews were obtained prior the Rio de Janeiro 2016 Olympic Games. The main objective is to find and clarifying the Sports Newsmaking interfaces at the contemporary aspects.

Keywords: Specialized Journalism. Sports Newsmaking. Rio de Janeiro 2016 Olympic Games.

Introdução

Este trabalho foi elaborado com base em entrevistas com pesquisadores e professores de jornalismo diante do cenário sobre o jornalismo esportivo no Brasil, o primeiro país da América do Sul a sediar uma edição dos Jogos Olímpicos de Verão, no Rio de Janeiro, entre os dias 3 a 29 de agosto de 2016. Diante deste contexto, existe uma necessidade em se apresentar uma discussão em torno do próprio jornalismo esportivo

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação (USP). Mestre em Ciências da Comunicação (USP). Bacharel em Comunicação Social (habilitação em Radialismo).

diante de características da contemporaneidade, como os impactos da tecnologia na multimídia convergente e a especificidade do padrão da cobertura, como, por exemplo, a predominância do futebol e a confusão entre essa modalidade e o esporte em si, como observava o professor de jornalismo da PUC de Campinas, Mário Erbolato:

Pode-se dizer que o futebol, fortalecido depois que o Brasil se tornou tricampeão mundial, é o esporte que mais entusiasma a maioria dos brasileiros. Mesmo os que normalmente pouco se interessam por determinado quadro começam a incentivá-lo e a desejar que obtenha a vitória, se um clube participar com destaque de um campeonato. (ERBOLATO, 1981, p. 14).

Algumas peculiaridades percebidas sobre o uso da tecnologia e da consolidação da Internet como mídia eletrônica em 2016 foram consideradas a fim de se investigar pelo âmbito conceitual o sítio *web* do Comitê Olímpico Brasileiro desde a adequação do perfil do endereço cibernético do COB como um agente de comunicação jornalística para que haja uma posterior análise dessa mídia como fonte de informação para jornalistas. Dessa maneira se propõe um direcionamento focado na temática abordada, com base na busca conceitual pelos termos “jornalismo esportivo” e “a pauta olímpica no Brasil”.

Esse exercício tratou de investigar os referidos impactos da contemporaneidade por meio de entrevistas, com o objetivo de tomar como base o estabelecimento de alguns parâmetros das teorias do Jornalismo diante de indetermináveis definições. A partir deste ponto, a pesquisa de campo contempla as respostas a duas questões semiestruturadas, tangenciadas pela bibliografia e pelo material multimídia.

A coleta de entrevistas foi realizada com os professores universitários que escrevem livros e conduzem pesquisas realizadas com alunos, nos níveis de graduação e pós-graduação, com o tema dos esportes. Neste caso, além do levantamento bibliográfico, os professores universitários de Comunicação Social e de Educação Física (CARVALHO, 1994), ao serem entrevistados no período que antecedeu os jogos olímpicos no Rio de Janeiro considerariam não apenas o momento da contemporaneidade, mas paralelamente, discorreriam contextualmente o Jornalismo Esportivo – ao serem interrogados por meio da pergunta semiestruturada *O que é jornalismo esportivo?*

Então, a busca conceitual sobre o enquadramento do conteúdo noticioso na contemporaneidade também visa averiguar possíveis modificações ou adequações desde

as principais ideias conceituadas sobre esse tema a partir da década de 1920. Dentre as principais variações percebidas na literatura do jornalismo esportivo, se destaca o turfe como principal modalidade brasileira antes do estabelecimento da hegemonia do futebol como o esporte principal do Brasil a partir da década de 1940 (SOARES, 1999).

Além dos pesquisadores, emerge a importância de valorização do conteúdo comunicacional local e regional e, dessa maneira, dois jornalistas sul-mato-grossenses foram incluídos com a finalidade de ressaltar a prática da editoria dos esportes em uma área distante do eixo São Paulo e Rio de Janeiro. Com isso, surgiu uma abordagem diferenciada, como o profissional de comunicação que não se enquadra apenas como entusiasta das competições desportivas, ademais, praticantes de futebol de salão e *beach tennis*, bem como o interesse nas atividades recreativas que acabam por inspirar jovens à carreira atlética.

Jornalismo esportivo

No “Brasil no século XXI”, particularmente em 2016, a atuação da especialidade do jornalismo destinada aos esportes pode não demonstrar, *a priori*, reflexos decorrentes da pauta com as interfaces desportivas na produção midiática e de como o contexto esportivo, sobretudo como os termos “ginga, drible e regras” acabaram assimilados no cotidiano brasileiro. Nesse sentido, o sociólogo italiano Domenico De Masi destaca as características:

O conceito de “brasilidade” refere-se ao encontro e às relações interpessoais. As relações abrangem indivíduos. O individualismo assume uma conotação negativa. Viver significa “ter relações sociais”. “Saudade” significa a infeliz interrupção dessas relações. “Jeitinho brasileiro” significa harmonizar os conflitos, driblar os obstáculos, usar uma certa falta de escrúpulos truques que vão além das regras. [...] É atitude frequente também a tendência a considerar fluidos os limites entre o sagrado e o profano, entre o formal e o informal, entre o público e o privado, entre a emoção e a regra (DE MASI, 2015, p. 44).

Além dos desafios de realizar a primeira edição sul-americana dos Jogos Olímpicos de Verão, o Brasil apresenta um cenário cultural que permeia a produção noticiosa, com muito destaque para uma modalidade diante de outras que acontecem simultaneamente e que influi no resultado de medalhas da olimpíada como um todo.

A perspectiva de geração de conteúdos informativos, ou melhor, da produção do material midiático, negociado sob contratos de “direitos de transmissão”, a partir do

detentor, nesse caso, o Comitê Olímpico Internacional juntamente com o organizador Comitê Olímpico Brasileiro. A expectativa mais previsível, contudo, apontaria para uma cobertura com alto grau de detalhamento, dentro dos moldes de uma “monocultura esportiva”, como o “País do Futebol”, impacta na cobertura dos jogos olímpicos e que ainda demonstra afinidade como componente cultural nacional.

No mesmo bojo da contemporaneidade e da atuação do webjornalismo, o sítio do COB comporta a informação jornalística sobre os jogos do Rio 2016. Além disso, o espaço também disponibiliza produções de conteúdos informativos do Comitê Olímpico Internacional (IOC) por meio do OBS (Olympic Broadcasting System). Este canal detém sob contratos de “direitos de transmissão”, conforme a descrição a partir do sítio *web*:

O Olympic Broadcasting Services (OBS) foi criado pelo Comitê Olímpico Internacional (IOC) em 2001 a fim de atuar na organização do Host Broadcaster em todos os Jogos Olímpicos, Olimpíadas de Inverno e Jogos Olímpicos da Juventude.

O Host Broadcaster é responsável pela entrega de imagens e sons dos Jogos Olímpicos a bilhões de espectadores por todo o mundo. Ele produz e transmite por rádio e televisão, ao vivo, os acontecimentos de forma imparcial sobre todos os esportes de todos os lugares. Este abastecimento é chamado de Sinal Internacional ou Alimentador Mundial. Neste papel, o OBS é responsável pela realização de uma abordagem consistente das transmissões olímpicas ao mesmo tempo em que otimiza os recursos para melhorar continuamente a eficiência da operação do Host Broadcaster.

O OBS então atua para assegurar que todas as obrigações contratuais do IOC estejam presentes nos Direitos de Transmissão das Emissoras Licenciadas (RHBs) ocorram de ponta a ponta com a produção televisiva dos Jogos Olímpicos. (Disponível em: <https://www.obs.tv>. Acesso em 28/08/2016. Tradução nossa).

Enquanto a discussão sobre atuação institucional do IOC dispõe de mecanismos de padronização da notícia olímpica dos canais credenciados, a própria especialidade do jornalismo destinada aos esportes também propõe um reflexo do cenário cultural brasileiro, assim como explica o professor e pesquisador da Unesp, José Carlos Marques:

Eu queria começar dizendo que não me agrada essa definição de jornalismo esportivo, porque essa qualificação parece que diz que o jornalismo pratica esporte... Eu prefiro [estabelecer] uma iluminação [teórica] mais apropriada, a meu ver, que o jornalismo sobre esporte sobre o fato esportivo é algo que me agrada. Como é que eu definiria? É o jornalismo que se debruça sobre acontecimentos esportivos, especialmente o esporte de alta competição, de alto rendimento, o esporte competitivo. O jornalismo esportivo quase sempre, quase [que

única e exclusivamente] vai se debruçar sobre o fato esportivo ligado a esses eventos do futebol [esporte] profissional. (MARQUES, J. C., 2015. Entrevista com o Prof. Dr. José Carlos Marques [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponibilizada nos apêndices.

A complexidade do tema se torna perceptível não apenas pelos caminhos e divergências teóricas: dentro do próprio jornalismo esportivo, a percepção individual e subjetiva caracteriza tal premissa. O professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Márcio de Oliveira Guerra, apresenta subsídios do âmbito teórico-prático sobre essa prática no jornalismo profissional brasileiro:

Jornalismo esportivo é uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção. E, por conta de lidarmos com emoção e com paixão, o jornalismo esportivo ganha um impacto e uma projeção muito maior no público do que qualquer outra editoria, porque você mexe com aqueles que torcem a favor e torcem contra e, por conta disso, isso acaba causando sempre um impacto maior. Então, eu acho que o jornalismo esportivo é, acima de tudo, o exercício profissional feito com paixão. (GUERRA, M., 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Márcio Guerra [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ), A transcrição integral encontra-se disponibilizada nos apêndices.

42

Ao entrecruzar a noção de que o acontecimento do esporte no caminho apontado por Mário Erbolato:

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (ERBOLATO, 1981, p. 15).

Para professor e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ronaldo George Helal, os contextos cultural e social também contribuem na definição dessa prática no Brasil:

Jornalismo esportivo é Jornalismo. Talvez, o que poderia diferenciar de outras editorias de esporte é que (o que eu acho que) jornalismo esportivo, talvez junto com o jornalismo de cultura seriam editorias em que uma certa dimensão pelo gosto do objeto que está sendo informado

é mais permitido, o que não é permitido por exemplo na seção de Política. Ainda assim, existe uma tendência muito forte, hoje em dia, de o Jornalismo esportivo se distanciar cada vez mais do seu objeto e procurar fazer um certo jornalismo mais investigativo. Mas, desde Mário Filho já havia essa ideia, essa permissão, de o jornalismo esportivo demonstrar um pouco mais a sua paixão pela atividade. Hoje, eu acho que isso vem diminuindo. (HELAL, R. 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Ronaldo George Helal [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponibilizada nos apêndices.

Neste ponto, o pensamento de Ronaldo Helal reflete um aspecto específico: um consenso histórico que pontue detalhes as características de uma deontologia do Jornalismo Esportivo, também percebido, em 1981, no primeiro trabalho de pós-graduação sobre Comunicações e Esportes produzido na Universidade de São Paulo, pela dissertação de mestrado “O cartola e o jornalista: a influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo”, defendida na Escola de Comunicação e Artes pelo pesquisador e professor da Universidade Católica de Santos, Ouhydes João Augusto da Fonseca:

Em realidade, não há muitas fontes de consulta do jornalismo esportivo, talvez em razão do seu aparecimento tardio, de sua condição de filho bastardo do jornalismo. Assim, a história do jornalismo esportivo mundial ultrapassa pouco mais de cem anos. (FONSECA, 1981, p. 18).

Para a jornalista e apresentadora da Rádio e Televisão Educativa de Campo Grande² (MS), Eva Regina Freitas, jornalismo e esporte fizeram parte da vivência e do gosto motivacional:

Quando optei pelo jornalismo, eu não tive dúvida: eu queria o jornalismo esportivo e, apesar de ser complicado, por ser mulher, quando eu comecei existia isso (estigma): a pessoa já olhar de uma forma diferente, porque você quer fazer o esporte: “e essa menina no meio de todo mundo, será que entende mesmo?”, então você sentia certo receio, mas pelo fato de ser mulher, precisa provar (o valor profissional), mas sempre digo uma coisa: (no jornalismo esportivo) a mulher não pode errar. Se o homem errar, tranquilo... Agora, quando a mulher errou, no outro dia vai ser o comentário geral. Então, eu acho que isso já pesa mais, é uma responsabilidade a mais, mas isso eu vejo como uma coisa boa: porque

²Durante o período de agosto a dezembro de 2015, foi desenvolvido um estágio discente por meio do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), que possibilitou a realização de uma pesquisa local em Campo Grande (MS) e que contou com recursos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

preciso me esforçar mais... Para fazer o esporte, tem que gostar... Não tem jeito! Então, você vai atrás de notícias, você quer saber, quer ficar bem informado, o que está acontecendo. Também há muitos jornalistas. Por exemplo, aqui em Campo Grande, não fazem esporte, fazem futebol... Eu me interesso por todas, ou melhor, são várias as modalidades esportivas. Gosto do futebol, sempre fui apaixonada pelo futebol, mas acima de tudo, sou apaixonada pelo esporte. (FREITAS, E. R., 2015. Entrevista com a jornalista Eva Regina Freitas [nov. 2015]. Campo Grande: Palácio das Comunicações). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

Além disso, faz-se importante uma ressalva às nuances culturais dos aspectos brasileiros, percebidos nos processos de construção noticiosa do jornalismo esportivo, como relata o professor da Universidade de São Paulo, Manuel Carlos Chaparro:

Eu sou um pouco contrarrótulos: eu acho que não existe jornalismo esportivo, existe jornalismo aplicado ao esporte, porque o jornalismo é a linguagem social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos e o esporte é essencialmente, um ambiente de conflitos. Você não tem nada no esporte que não tenha a emoção do conflito. Então, o que é importante é você levar para o esporte o jornalismo, com todas as suas exigências éticas, técnicas e culturais, porque é isso que interessa ao esporte: usar e ter o que usar, uma linguagem confiável, e o jornalismo é, se for respeitado como linguagem, e ter também no esporte, um ambiente que seja um (ambiente do) espaço público dos conflitos. O jornalismo para o esporte é também o espaço público dos conflitos: as coisas acontecem não (apenas) no estádio. Acontecem à medida em que o jornalismo socializa os discursos do embate. (CHAPARRO, M. C. 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Manuel Carlos Chaparro [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

44

A apresentação das notícias desportivas dos Jogos Olímpicos Rio 2016 pode oferecer uma boa possibilidade de ampliação e envolver modalidades diferentes, cujas práticas são desconhecidas (sem recorrência) em um cenário envolvido pelas seguintes modalidades preponderantes: futebol, basquete, vôlei e natação; estação de campeonatos e períodos intertorneios; valores esportivos (como a moral e a ética das modalidades) e a história dos atletas que passam a protagonizar sagas de luta e superação, a partir da conquista e até mesmo da frustração de expectativas sobre uma medalha. O professor de jornalismo Mário Erbolato define a seção esportiva da seguinte maneira:

A Editoria de Esportes tem importância pela diversidade dos assuntos que aborda, nos setores profissional e amadorístico. Para cada especialidade recomenda-se um jornalista que entenda do assunto e que

explique e comente a possibilidade dos concorrentes e as consequências de uma vitória, derrota ou empate em algumas competições. (ERBOLATO, 1981, p. 15).

O professor e pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Anderson Gurgel Campos, exemplifica essa questão:

Essa é uma das perguntas mais complicadas, quando estudamos comunicação e esporte no Brasil, porque há um confronto entre alguns teóricos que já estudam o assunto e o que temos cotidianamente na mídia. Se tivermos aquilo que vemos nos jornais, nas revistas, na TV – como sendo “jornalismo esportivo” – vamos achar que, praticamente é futebol e um pouquinho de automobilismo, um pouquinho de vôlei, basquete... E quase isso, e de vez em quando aparece um tal de Gabriel Medina, uma Daiane dos Santos. Então, temos um problema na maneira como a mídia esportiva mostra o esporte. A mídia, o jornalismo esportivo, como se apresenta o esporte – esse é o primeiro ponto. Por outro lado, a teoria que falar desse assunto, vai nos dizer que jornalismo esportivo é, a princípio, tem a ver com todo um campo que envolve questões do esporte que tem valor-notícia, que sejam objetos jornalísticos, que interessem ao público, que o jornalismo fará seu papel, como uma instância que vai organizar e levar informações para esse público. (CAMPOS, A. G., 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

45

Anderson Gurgel Campos também deixa claro que a prática de muitas atividades simultâneas que ocorrem pelo mesmo profissional e permeiam o âmbito do Jornalismo pode causar confusão ou mesmo, alguns falsos cognatos sobre as atividades e produções desenvolvidas por esse profissional:

Quer dizer, temos a ideia de que qualquer tema dentro desse universo esportivo que interessa a um público pode ser objeto do jornalismo esportivo e, por outro lado, o jornalismo esportivo feito na mídia, que é sempre voltado para o alto rendimento, abordando o futebol e um pouquinho de outras coisas. Então, esse é o problema: eu sou o defensor da ideia de que precisamos repensar o conceito de jornalismo esportivo, cada vez mais promovendo, efetivamente, um jornalismo que fale do esporte de uma forma total: mostra o esporte profissional, obviamente, (de alto rendimento), mas também mostra o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação e é essa a militância que venho desenvolvendo. (CAMPOS, 2015. IDEM).

Ao se considerar que o esporte faz parte da prática de atividades físicas, motoras – e que um dos focos da cobertura jornalística esportiva venha a lidar com notícias que não abordem apenas o resultado das partidas em si, mas que também inclui fatos decorrentes, como os atletas, os treinamentos e de modo indireto, o incentivo ao próprio esporte. O professor da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, Ary Rocco Júnior aborda esses detalhes:

Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte. (ROCCO JR, A., 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Ary Rocco Junior [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

A percepção da complexidade envolvendo a questão da definição do que seria o Jornalismo Esportivo, no contexto de que, “às vésperas” da realização das olimpíadas no Rio de Janeiro não apenas repercute na tentativa de se buscar de uma definição atualizada sobre essa prática profissional no Brasil.

O professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, João Jair Sartorelo, inclui nesse rol de aspectos da contemporaneidade, como o embate entre as questões do imediatismo e constante atualização *versus* estratégias de planejamento: a participação subjetiva e a necessidade de que o jornalista tenha mais envolvimento com os esportes e – com as práticas frequentes do cotidiano - sem desmerecimento dos níveis profissional, amador e casual:

O desafio da mídia para cobrir um evento olímpico deve ter um caráter idôneo, não pode ser levado por emoções e deve ter um senso crítico: ele não pode simplesmente criticar por criticar, ele deve apresentar os motivos das críticas e também dos elogios. No momento, há uma confusão: existem pessoas que fazem uma análise diferenciada entre esporte, desporto e atividade física... O importante é o ser humano se movimentar, praticar qualquer tipo de atividade.

Em Campo Grande, não existe um planejamento [olímpico] para daqui há alguns anos. O que existem são pessoas que tem interesse em fazer alguma coisa planejada, mas quando obtêm algo, não tem apoio de nada. É o atleta autodidata, ou pai do atleta ou é algum benfeitor que aparece para auxiliar essas pessoas, mas que não tem condições de levar um projeto grande para frente. (SARTORELO, J. J., 2015. Entrevista com o

professor-associado João Jair Sartorelo [nov. 2015]. Campo Grande: UFMS). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

O professor e pesquisador da Universidade de Sorocaba, Felipe Tavares Paes Lopes, evidencia os tópicos de complexidade percebidos no âmbito sociocultural:

Jornalismo esportivo, do meu ponto de vista, é aquilo que de uma forma geral é dito sobre o esporte nos mais diversos veículos e meios de comunicação. Se pegarmos o que está na chamada grande imprensa, hoje em dia, jornalismo esportivo é basicamente futebol, porque basicamente é aquilo que tem visibilidade nos meios de comunicação. Uma outra questão é aquilo que, na minha opinião, deveria ser o jornalismo esportivo. Já que ele é futebol e basicamente se configura como espaço de entretenimento e lazer. Evidentemente, do meu ponto de vista, seria interessante ocorrer uma diversificação e mais do que isso, houvesse algo além da politização, porque a própria despolitização é uma forma de politização – mas seria interessante configurar esse espaço, não só da leveza, do entretenimento, mas configurar esse espaço de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea. (LOPES, F. T. P., 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes [out. 2015]. Sorocaba: Uniso). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

47

Com isso, emerge a dúvida que relaciona tanto o planejamento dos eventos esportivos, como a prática esportiva, além da vivência cotidiana como espectador que assiste aos jogos do Rio 2016. O espetáculo pressupõe de qualidades positivas, como por exemplo, divulgar e promover atividades físicas; bem como o lado mercantilizado, decorrente de ações de marketing proveniente do contexto dos esportes de alto rendimento. O conceito de espetáculo discorrido por pelo escritor e cineasta francês Guy Debord, revela indícios acerca de receios relacionados à possibilidade latente de ocorrência de erros na realização de megaeventos:

Sob as oposições espetaculares, esconde-se a *unidade da miséria*. [...] conforme as necessidades do estágio particular da miséria que o espetáculo nega e mantém, ele existe sob forma *concentrada* ou sob forma *difusa*. Em ambos os casos, ele não passa de uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor; ocupa o centro tranquilo da desgraça (DEBORD, 1997, p. 42, grifos do autor).

Uma cobertura olímpica no Brasil pôde refletir como a dificuldade de transmitir os jogos se postula: explicar outros esportes a partir do futebol, principalmente ao se considerar, a iminência da contemporaneidade e a rápida atualização da formação profissional do jornalista que atuará na área de esportes diante das possibilidades da

tecnologia e mídia convergente. A jornalista sul-mato-grossense Eva Regina Freitas sinaliza esse tipo de experiência:

O que existe também são muitos jornalistas, por exemplo, aqui em Campo Grande, que não fazem o esporte, fazem o futebol. Eu me interesso por todas, ou melhor, são várias as modalidades esportivas. Gosto do futebol e sempre fui apaixonada pelo futebol, mas acima de tudo, sou apaixonada pelo esporte. Eu gosto de acompanhar o máximo que eu puder, mas, é lógico: ninguém sabe tudo de tudo. Quando faço uma matéria sobre determinada modalidade e alguma coisa (prática esportiva) que está começando eu sempre vou perguntar. E sempre falo: “pergunte, não tenha vergonha de perguntar, porque ninguém nasceu sabendo”. Então, em um esporte novo, “como funciona?”, “como é que marca ponto?”, “quais são os principais lances?” – é preciso perguntar... e se não sei, eu vou perguntar mesmo! Eu acho que assim você está vivendo o esporte, fazendo o que gosta, e isso é muito mais legal. (FREITAS, E. R., 2015. Entrevista com a jornalista da TV Educativa de Campo Grande (MS), Eva Regina Freitas [nov. 2015]. Campo Grande: Palácio das Comunicações do Mato Grosso do Sul). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

48

Para o radialista e jornalista Arthur Mário Medeiros Ramalho, da rádio Cultura AM (Campo Grande - MS), a seção esportiva, além de exigir que o profissional mantenha seu repertório atualizado, se apresenta como uma grande escola profissional:

No meu ponto de vista, o Jornalismo Esportivo no Rádio, ele é um verdadeiro caça-talento para o jornalismo brasileiro... Quantos jovens iniciaram no rádio esportivo, inicialmente, pela paixão e curiosidade [...] Então, o jornalismo esportivo, além de ser essa grande escola, ele também é o espaço de muita realização humana: eu que, jamais imaginei, por exemplo, que pudesse viajar o mundo. Eu viajei o mundo e tive oportunidade de acumular tanto conhecimento, tanta informação nova nas viagens, carimbando meu passaporte pelo mundo afora, que, se eu estivesse em outra área da Comunicação, certamente, eu não teria tido essa oportunidade de conhecer várias e várias culturas – América do Sul, Europa, Ásia. Então, há essa outra característica e, o jornalismo esportivo, ele dá uma bagagem diferenciada: eu passei por redação de jornal em um período muito curto, com outros colegas de redação e enfim, até hoje, com mais de trinta anos de [experiência em] rádio. (RAMALHO, A. M. M. 2015. Entrevista com o radialista e jornalista sul-mato-grossense Arthur Mário Medeiros Ramalho [nov. 2015] Campo Grande: Rádio Cultura AM de Campo Grande - MS). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

Esse mesmo tipo de percepção pode ser comparado com a descrição que o professor da USP, Manuel Carlos Chaparro, realiza ao se inserir tanto no campo profissional, quanto do ensino de Jornalismo:

Eu já fiz jornalismo esportivo, sou torcedor do Benfica e foi uma boa experiência [minha] do jornalismo esportivo porque, ao contrário de algumas outras áreas onde o jornalismo é usado, o esporte é um ambiente de atos e falas intensamente emotivos. Você sempre está participando quando escreve ou quando faz alguma coisa na área do esporte, você sempre está participando de um ambiente muito amplo e emocional, por causa do conflito. (CHAPARRO, M. C. 2015. Entrevista com o Prof. Dr. Manuel Carlos Chaparro [set. 2015]. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ). A transcrição integral encontra-se disponível nos apêndices.

A prática do jornalismo no Brasil que sediou os jogos olímpicos de 2016 apresenta várias nuances, a se considerar a multiprodução de conteúdos informativos em diversos canais cibernéticos. Disso também decorre uma sensação de escassez e caos por conta de conteúdos multifacetados, disponibilizados não apenas na mídia tradicional, mas também em nichos alternativos pela *web*. Com efeito, a recíproca pode não se realizar, diante de uma sobrecarga de *weblogs* e redes sociais, por exemplo, com o tema esporte direcionado estritamente para o futebol, enquanto outras modalidades olímpicas permanecem desconhecidas, por conta da visibilidade ofuscada diante dos temas “esportivos”.

Para completar a premissa destacada, uma cobertura olímpica, também pode refletir tal complexidade: explicar e entender outros esportes a partir do futebol. Paralelo a esse desafio, o *webjornalismo* convive com uma rotina de rápida atualização da formação profissional do jornalista que atuará na área de esportes diante das possibilidades da tecnologia e mídia convergente, com ressalvas ao modo de mediar e ser mediado pelos dispositivos tecnológicos de acesso ao ciberespaço – se atua ao mesmo tempo em que se interage. Desempenhar o papel de usuário passivo que não se expressa torna-se uma opção, como observa o professor e pesquisador da Universidade de Sorocaba e da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), Wilton Garcia:

Hoje, o sujeito passa a ser considerado como usuário-interator, sobretudo na internet, cuja situação parcela, compartilha, coopera e conecta. Essa experimentação interpela, interfere e se confirma por meio de um diagrama transversal que utiliza um amplo descrever de características complementares. (GARCIA, 2011, p. 55)

Como reflexo da tortuosidade no caminho a ser percorrido no estudo das interfaces esportivas do jornalismo, entender se alguns perfis de noticiários de modalidades olímpicas com pouca cobertura na mídia e se a visibilidade a partir de

website de confederações possam se constituir como fontes de informação, bem como auxiliar no desenvolvimento do esporte, atividades físicas e motoras, envolvendo pessoas que, ao assumirem o papel de atletas, também estejam relacionados ao papel de protagonista(s) das reportagens. O professor da Universidade Paulista (Unip), diretor e professor do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP) e pesquisador Pascoal Luiz Tambucci considera:

O jornalismo esportivo tem a preocupação de trabalhar notícias do esporte, e quando falamos desse assunto, também da própria modalidade esportiva: o que é, por exemplo, o futebol, o que é o voleibol, o que é o judô? O que tem por trás dessas modalidades, em que todas as modalidades olímpicas, mais de 40 modalidades que, de certa forma, podem suscitar interesses tanto do cidadão comum como daquele que se especializa em uma das áreas, que pode ser a Comunicação, pode ser a Educação Física, pode ser o Esporte ou com relação a uma empresa que está preocupada em promover atividades de entretenimento. Então, o jornalismo esportivo tem que abarcar muitas questões relacionadas ao esporte, de uma maneira geral, porque o esporte tem forte apelo (TAMBUCCI, P. L. 2016. Entrevista com o Prof. Dr. Pascoal Luiz Tambucci [mar. 2016]. São Paulo: CEPEUSP-Universidade de São Paulo).

50

Pascoal Luiz Tambucci também elenca outras qualidades que o jornalismo esportivo pode proporcionar:

Hoje, diferente de umas duas ou três décadas, o esporte está muito marcado na cultura brasileira: hoje o cidadão comum tem muito mais chances de praticar uma atividade física ou um esporte predileto porque isso já está fazendo parte de nossa cultura; não que no passado não fizesse, mas agora está muito mais flexível, aberto, se encontram incentivos em diferentes lugares – e o jornalismo esportivo ele não deve apenas focar o esporte de rendimento, que são essas modalidades que ficam em evidência na mídia e que revelam grandes atletas e também grandes marcas que se apropriam do atleta para vender seus produtos – como também atender um esporte amador, educacional que atua na formação do cidadão comum. (TAMBUCCI, 2016. IDEM).

A presença de um jornalismo olímpico pelo COB também leva em conta que os noticiários de modalidades olímpicas com pouca cobertura na mídia, mas disponibilizado no sítio do COB como notícia atingirá uma visibilidade a partir da inexistência de notícias em *websites* de confederações. Dessa maneira, um usuário-interator também encontra na internet um repertório informativo que contribua para auxiliar no desenvolvimento do esporte, atividades físicas e motoras, envolvendo sujeitos que ao interagir, possa ter subsídios de assumir o papel de atleta, também como protagonista do momento esportivo

proporcionado pelas olimpíadas no Rio de Janeiro. Para o sociólogo italiano e pesquisador de temas brasileiros, Domenico de Masi (2015), o elemento cultural do Brasil destacado em 2016 apresenta características da preocupação do brasileiro em comparação com outras edições dos Jogos Olímpicos:

O Brasil terá ainda, no futuro, uma população cíclica, oscilando entre a euforia – com a crença de ser o melhor país do mundo – e a depressão e o pessimismo, ou seja, entre o complexo de pit bull e o complexo de vira-lata. Essa mentalidade permanecerá como fruto da realidade de avanços e retrocessos: ditaduras e democracias, crescimento econômico e depressões, estabilidade monetária e inflação. O país será dado a polaridades, a comportamentos coletivos pendulares e, assim manterá um espírito nacional dependente do instante histórico [...]. Dessa maneira, os críticos das mazelas do país serão atacados (como aconteceu na preparação para a Copa de 2014), mas [...] a autoestima do país, além disso, dependerá cada vez menos das conquistas do futebol ou da economia, concentrando-se naquilo que se refletirá em qualidade de vida para as pessoas. (DE MASI, 2015, p. 222).

A percepção dos desafios da cobertura esportiva na contemporaneidade assinala, de modo enfático o lugar de manifestação cultural dos brasileiros (LEVER, 1983) nos âmbitos cultural, socioeconômico e da saúde pública. Por meio das diferentes percepções sobre o conceito e a prática do jornalismo esportivo no interior do Brasil, destacam-se os seguintes aspectos: o gosto pelo noticiário esportivo (HELAL, 2015), a expressão de emoções (GUERRA, 2015) e conflitos (CHAPARRO, 2015) na égide factual (MARQUES, 2015) voltado aos acontecimentos ocorridos no esporte (ROCCO JR, 2015), que na mídia atinge a esfera do lazer e entretenimento (LOPES, 2015) e a dimensão do espetáculo por meio dos megaeventos (CAMPOS, 2015). Entretanto, não há diferenciação contextual da Educação Física no Brasil dos termos: esporte, desporto e atividade física (SARTORELO, 2015). A mudança assinalada para a contemporaneidade ocorre com a disponibilização, acesso e oportunidades de vários brasileiros praticarem esporte (TAMBUCCI, 2016).

O fator diferencial a ser compreendido no bojo deste questionamento relaciona o interesse e a prática dos esportes com a profissionalização dos jornalistas. Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ainda que a curiosidade e a paixão (RAMALHO, 2015) acabem por motivar o esclarecimento e a prestação de informações das regras específicas das modalidades (FREITAS, 2015).

Deste modo, a grande maioria dos entrevistados associou o jornalismo esportivo como uma área do próprio jornalismo em que a demanda pelas informações se encontra

arraigada culturalmente nos âmbitos subjetivo e coletivo, cujo impacto se inclui outrossim na diversidade e no caráter informal na abordagem das notícias, com ênfase ao elemento humano na sociedade. A ressalva sobre a influência do marketing esportivo, dentro da teoria do espetáculo, quando Guy Debord (2003, p. 14) pondera que “o espetáculo é ao mesmo tempo, parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação”- fato perceptível não apenas na realização dos jogos olímpico como um megaevento, que no Brasil impacta sobre outros dois pilares do *momentum* esportivo: o patrocínio necessário à formação de jovens atletas e as obras de melhoria urbana na cidade-sede, o Rio de Janeiro.

Como essas questões tendem a criar falsas percepções em rumo a uma generalidade na cadeia de ocorrências das olimpíadas no Rio de Janeiro, faz-se necessária a condução direcionada para o conceito do jornalismo esportivo na contemporaneidade – antes da abordagem de outras áreas envolvidas no evento. Isso se deve ao objetivo da verificação de algumas particularidades na conceituação contemporânea, ao incluir os elementos jogos olímpicos no Brasil e Rio de Janeiro dentro dos contextos a serem debatidos.

52

Em busca de um conceito de Jornalismo Esportivo

Com base nas informações coletadas pelas entrevistas de profundidade semiestruturadas, sobre *o que é jornalismo esportivo*, se obtém um levantamento com as principais considerações dos entrevistados com a finalidade de considerar o conceito do jornalismo esportivo no contexto dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, a partir da seguinte ilustração:

O que é Jornalismo Esportivo?	
Prof. Dr. Manuel Carlos Chaparro (USP)	Jornalismo é a linguagem social e cultural mais adequada para socializar os discursos onde há conflitos. O esporte traz a emoção dos conflitos.
Prof. Dr. Ronaldo Georges Helal (UERJ)	Jornalismo esportivo é Jornalismo. A seção, talvez junto com o jornalismo de cultura seriam editoriais em que uma certa dimensão pelo gosto do objeto que está sendo informado é mais permitido, o que não é permitido por exemplo na seção de Política.

Prof. Dr. José Carlos Marques (Unesp)	Não me agrada essa definição de jornalismo esportivo, porque essa qualificação parece que diz que o jornalismo pratica esporte... O jornalismo esportivo vai se debruçar sobre o fato esportivo ligado a esses eventos do esporte profissional.
Arthur Mário Medeiros Ramalho (Rádio Cultura - Campo Grande, MS)	A curiosidade motiva o aprendizado do Jornalismo. Jornalismo Esportivo no Rádio é um caça-talento. Ouvir grandes emissoras em uma cidade do interior e se sentirem atraídos para o Jornalismo Esportivo: às vezes a vaidade falando, às vezes a paixão falando... Na verdade é essa grande escola de Jornalismo.
Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos (Mackenzie)	Essa é uma das perguntas mais complicadas, quando estudamos comunicação e esporte no Brasil, porque há um confronto entre alguns teóricos que já estudam o assunto e o que temos cotidianamente na mídia. Defendo a ideia de que precisamos repensar o conceito de jornalismo esportivo, que fale do esporte de uma forma total: mostra o esporte profissional, mas também mostra o amador, o universitário, o esporte que inclui, o esporte que trabalha com a terceira idade, com as crianças, o esporte na educação.
Prof. Dr. Ary Rocco Jr (USP)	Jornalismo esportivo é uma especialização do jornalismo que especificamente trata ou deveria tratar de todas aquelas pautas relacionadas ao universo do esporte: prática esportiva, fomento ao esporte, megaeventos esportivos, competições esportivas, o atleta, o treinador; ou seja, todo aquele universo que efetivamente é responsável pelas modalidades esportivas e pelas competições esportivas em nível local, nacional, internacional e fomento do esporte.
Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes (Uniso)	O que está na chamada grande imprensa e aquilo que tem visibilidade nos meios de comunicação: espaço de entretenimento e lazer. Seria interessante ocorrer uma diversificação e algo além da politização – seria interessante configurar esse espaço, não só da leveza, do entretenimento, de tal modo para que ele seja utilizado para que possamos pensar os significados e as funções sociais do esporte na sociedade contemporânea.
Eva Regina Freitas (Rádio e TV Educativa -	Relacionado à prática e vivência do esporte. Apaixonada pelo esporte: quando faço uma matéria sobre determinada modalidade e alguma coisa (prática

Campo Grande, MS)	esportiva), eu sempre vou perguntar... “pergunte, não tenha vergonha de perguntar, porque ninguém nasceu sabendo”. Então, em um esporte novo, “como funciona?”, “como é que marca ponto?”, “quais são os principais lances?”; precisa perguntar... Se não sei, eu vou perguntar. Assim você está vivendo o esporte, fazendo o que gosta, é muito mais legal.
Prof. João Jair Sartorelo (UFMS)	Aquilo que atrai toda a mídia nacional: evento. O desafio da mídia para cobrir um evento olímpico não pode ser levado por emoções e deve ter um senso crítico: deve apresentar os motivos das críticas e também dos elogios. O importante é o ser humano se movimentar, praticar qualquer tipo de atividade.
Prof. Dr. Pascoal Luiz Tambucci (USP)	O jornalismo esportivo tem que abarcar muitas questões porque o esporte tem forte apelo. Hoje o esporte está muito marcado na cultura brasileira: o cidadão comum tem muito mais chances de praticar uma atividade física ou um esporte predileto com a intenção de melhorar a qualidade de vida, da condição física ou até aumentar a disciplina no dia a dia.
Prof. Dr. Márcio Guerra (UFJF)	É uma atividade, uma editoria dentro do jornalismo, que tem a sua história marcada, primeiro, por um preconceito envolvendo a atividade, como se fosse uma atividade menor e que, aos poucos, foi se consolidando como um espaço cada vez mais legítimo e importante da prática de todas as teorias de Comunicação, com elemento, um componente diferencial, que nós lidamos com a paixão, lidamos com a emoção.

Fonte: elaboração própria

Considerações finais

A constatação de que a cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio 2016 se apresenta como um desafio para cobrir e noticiar as quarenta modalidades olímpicas praticadas durante o evento, sobretudo as que não possuem semelhanças com o futebol e, por conta disso, desconhecidas do público brasileiro. Outro dilema, entretanto, se reserva ao contexto dos jogos olímpicos por meio das modalidades: o elemento que transcende o próprio esporte que representa a ideologia olímpica prioriza fatores incomuns nas competições esportivas. O ponto de vista positivo do esporte e do atleta humano em

relação à prática e à competição faz sentido apenas nesse tipo de evento. O contrário de ter um vencedor, um perdedor, ser profissional e disputar altas colocações como sinônimo de resultados atinge relevância em competições “não olímpicas” e ainda assim, esportivas.

A cobertura que no Brasil também reflete como tal complexidade se postula da seguinte forma: a dificuldade de entender outros esportes a partir do futebol, principalmente ao se considerara iminência da contemporaneidade, bem como a rápida atualização da formação profissional do jornalista que atuará na área de esportes diante das possibilidades da tecnologia e mídia convergente. Nesse caso, as considerações de Helal (2015) sobre a necessidade de que a editoria desportiva vá além da existência dos jornalistas esportivos que na realidade só atuam com a modalidade futebol.

A constatação que no Brasil olímpico, o noticiário de esportes tem forte apelo na mídia (TAMBUCCI, 2016) junto aos leitores, ouvintes, telespectadores e usuários-interatores e que nele se manifestam e se exaltam as paixões (GUERRA, 2015) aponta para outras possibilidades que não ficam restritas no âmbito das competições, atletas, treinadores e federações: por meio de uma pesquisa sobre a pauta olímpica realizada previamente (2016), torna-se difícil a percepção apenas (ROCCO, 2015) dos elementos intrínsecos das partidas (MARQUES, 2015), devido ao noticiário esportivo tratar simultaneamente de outros assuntos de editorias especializadas, como cultura (reações dos espectadores), saúde (prática de atividades motoras), medicina (doping), policial (violência desportiva), política (cartolagem e projetos públicos que impactam na prática de esportes), entre outros. Contudo, a ponderação estabelecida sobre a teoria do espetáculo de Guy Debord (2003) encontra bases em elementos inesperados do próprio jogo, como por exemplo, o favorito ou regular que não obteve medalha e a ocorrência de azarões vitoriosos – deste modo, há indeterminação do capital social mesmo ao se tratar de casos isolados, porém na cultura esportiva, se sustenta pelo “elemento surpresa”.

Deste modo, a complexidade da percepção do conceito do jornalismo esportivo na contemporaneidade, no Brasil olímpico, se deparou com diferentes recortes e possibilidades pela fala dos entrevistados que impactou sobre diversidade do olhar conceitual. Muito além dos trabalhos surgidos com a natureza da deontologia jornalística, a partir de Mário Erbolato (1981), Luiz Amaral (1982), John Hohenberg (1981) e Mário Filho (2004), o jornalismo esportivo e olímpico no Brasil contou com uma oportunidade singular de sediar eventos de natureza mundial também teve a demonstração das

fragilidades que o tema das modalidades olímpicas suscitaram: a hegemonia do futebol, perante outras práticas desportivas: no Brasil chega a existir a metonímia de esporte e futebol.

Por esse motivo, a prática de outras modalidades não deve ser prescindida e as áreas de atuação do jornalista para além da preponderância de um tipo de esporte enquanto outras 39 variações contaram com atletas brasileiros, ainda que se encontrem fora da regularidade e do favoritismo, representam diferentes possibilidades que o trabalho do jornalista deve considerar quando o papel do repórter esportivo compreende o fomento da cidadania e o estímulo à prática de atividades esportivas.

Referências

AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFC, 1982.

BENJAMIN, W. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução de Maria Amélia Cruz et al. Lisboa: Relógio D'Água. 1992.

_____. "Textos Escolhidos" (Walter Benjamin *et al*). **Os Pensadores**. Tradução de Modesto Carone *et al*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BUENO, Wilson da Costa. "Chutando prá fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro". In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina (orgs.). **Comunicação e esporte**: tendências. Santa Maria: Pallotti/Intercom, 2005.

CAMPOS, Anderson Gurgel. "Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos". **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 193-210, out. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/15582>>. Acesso em: 22/10/2015.

DA TÁVOLA. Artur. **Comunicação é mito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DA MATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. "Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". In: **Revista USP**. Dossiê futebol, nº 22. São Paulo: Universidade de São Paulo, junho-agosto de 1994, p. 10-17.

DA MATTA *et al*. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

_____. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição do jornal diário. Petrópolis: Vozes, 1984.

FONSECA, Ouhides João Augusto da. **O cartola e o jornalista**: a influência da política clubística no jornalismo esportivo de São Paulo. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: Eca/Usf, 1981.

HOHENBERG, John. **O jornalista profissional**: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Tradução de Hélio Alberto Pinto revista por Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Trad. A. B. Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARQUES, José Carlos (org.). **Comunicação e esporte**: diálogos possíveis. Coleção Intercom NP's, volume 7. São Paulo: Artcolor, 2007.

McLUHAN, Marshall. **Understanding Media**. London: Routledge, 1964.

RODRIGUES FILHO, Mário L. **O negro no futebol brasileiro**. 4^a. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1999.

TAVARES Jr, Carlos. Jornalismo Esportivo: a pauta olímpica no Brasil. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, 2016, São Paulo. Anais XXXIX Congresso Intercom. São Paulo - SP: INTERCOM; ECA/USP, 2016. v. 1. p. 1-10.

Referências eletrônicas (webgrafia)

COMITÊ Olímpico do Brasil. **Website**. Disponível em: < <http://www.cob.org.br>>.

_____. **Diretrizes do COI para a Mídia Social e Digital para pessoas credenciadas para os XXXI Jogos Olímpicos Rio 2016**. Disponível em: <<http://cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=4539>>. Acesso em: 27/07/2016.

EQUIPE de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Administração (UFRGS). **Como citar no texto acadêmico as entrevistas oriundas de pesquisas qualitativas?** Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2017/07/como-citar-entrevistas.pdf>>. Acesso em: 29/10/2017.

G1. **Justiça do Rio decide que serviço do Uber não pode ser proibido.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/justica-do-rio-decide-que-servico-do-uber-nao-pode-ser-proibido.html>>. Acesso em: 15/05/2016.

SporTV.com. **Rio 2016:** o SporTV comprou todos os ingressos, e o assinante é o convidado. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2015/11/rio-2016-o-sportv-comprou-todos-os-ingressos-e-o-assinante-e-o-convidado.html>>. Acesso em 13/07/2016.

Documentos sonoros

CAMPOS, Anderson Gurgel. **Entrevista:** Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015. 1 arquivo .WAV (4,5 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

CHAPARRO, Manuel Carlos da Conceição. **Entrevista:** Prof. Dr. Manuel Carlos da Conceição Chaparro [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015. 1 arquivo .WAV (5,4 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

FREITAS, Eva Regina. **Entrevista:** Jornalista Eva Regina Freitas [nov. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Campo Grande: Palácio das Comunicações, 2015. 1 arquivo .WAV (10 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Entrevista:** Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

HELAL, Ronaldo George. **Entrevista:** Prof. Dr. Ronaldo George Helal [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015. 1 arquivo .WAV (2 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

MARQUES, José Carlos. **Entrevista:** Prof. Dr. José Carlos Marques [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2015. 1 arquivo .WAV (1,5 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

RAMALHO, Arthur Mário Medeiros. **Entrevista:** Jornalista e radialista Arthur Mário Medeiros Ramalho [nov. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Campo Grande: Rádio Cultura AM 680, 2015. 1 arquivo .WAV (17,2 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

ROCCO Jr, Ary. **Entrevista:** Prof. Dr. Ary Rocco Junior [set. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ., 2015. 1 arquivo .WAV (2,5 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

SARTORELO, João Jair. **Entrevista:** Prof. João Jair Sartorelo [nov. 2015]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. Campo Grande: UFMS, 2015. 1 arquivo .WAV (6,1 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

TAMBUCCI, Pacoal Luiz. **Entrevista:** Prof. Dr. Pascoal Luiz Tambucci [mar. 2016]. Entrevistador: Carlos Augusto Tavares Junior. São Paulo: EEF/CEPE/USP, 2016. 1 arquivo .WAV (14,4 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita nos apêndices.

Recebido em: 30/04/2017

Publicado em: 01/12/2017